

**MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA E A COR DA TERNURA:
uma discussão acerca da identidade étnico-racial na sociedade globalizada e na
literatura infantil brasileira**

Emanuelle Valéria Gomes de Lima

Graduada em Licenciatura Plena em Letras, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST).

Maria do Socorro Pereira de Almeida

Doutora em Literatura e cultura, Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST).

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar a partir de quais elementos as protagonistas das obras *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, constroem suas identidades étnico-raciais. Sendo assim, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem o intuito de analisar, qualitativamente, os perfis das protagonistas nas obras supracitadas. Para tanto, buscamos, no primeiro tópico, estabelecer ligação entre cultura e identidade através das perspectivas teórico-conceituais e em seguida buscamos analisar as obras. Ao longo da pesquisa constatamos que, por meio da escolha do léxico de palavras e das gravuras, como também da descoberta da genealogia, a protagonista em *Menina bonita do laço de fita*, mesmo que inconsciente, afirma sua identidade negra. Já em *A cor da Ternura*, a princípio, a personagem nega as suas características naturais para, posteriormente, iniciar o processo de afirmação consciente de sua identidade, através dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, dispostos na narrativa. Conclui-se assim, que as identidades são formadas culturalmente e produzidas, portanto, pelos diferentes discursos que compõem a percepção que temos de nós mesmos em diferentes momentos de nossas vidas.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Literatura Infantil.

ABSTRACT

This article aims to investigate how the characters of the Works *Menina Bonita do Laço de Fita*, by Ana Maria Machado, and *A Cor da Ternura*, by Geni Guimarães, built their ethnical and racial identities. Therefore, this is a bibliographical research that intends to analyze qualitatively the profiles of the main characters in the referred books. To reach this objective, we tried, in the first topic, to es-

establish a connection between culture and identity through the theoretical and conceptual perspectives. Then, we analyzed the works. Throughout the research we noticed that, through the choice of lexicon of words and images, as also the discovery of genealogy, the main character of *Menina bonita do laço de fita*, although unwittingly, affirms her black identity. In *A cor da ternura*, initially, the character denies her natural characteristics to, posteriorly, initiate the process of aware affirmation of her identity through the knowledge acquired during her life, which are shown in the narrative. Thus, we conclude that the identities are formed culturally and produced, therefore, by the different speeches that compose the perception we have of ourselves in different moments of our lives.

Keywords: Identity. Culture. Children's Literature.

INTRODUÇÃO

Na evolução da sociedade brasileira e, sobretudo, pelas marcas que a escravidão deixou na história, acreditamos que a literatura, especialmente a infantil, pode ocupar um lugar fundamental para promover discussões antirracistas, podendo ser também um instrumento de contribuição para a valorização das características naturais individuais, estimulando, assim, a afirmação e/ou a manutenção das mais variadas identidades raciais e culturais presentes na sociedade.

Este artigo, de caráter qualitativo, busca analisar as obras *Menina Bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado e *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, sob o viés da construção da identidade afro-brasileira, além de verificar a partir de quais elementos as protagonistas constroem as suas identidades étnico-raciais, ao observarmos os perfis das personagens negras nas obras supracitadas.

Em vistas disso, levantamos a hipótese de que a protagonista, em *Menina bonita do laço de fita*, afirma sua identidade a partir do conhecimento de sua genealogia, por meio de elementos textuais e 'não-textuais' presentes na narrativa. Já em *A cor da ternura*, a personagem principal inicia a afirmação de sua identidade após negá-la, primeiro por medo de represálias com relação a sua cor (por isso a dificuldade em aceitar suas características) e, posteriormente, por ter sido influenciada a acreditar que só as pessoas brancas possuem determinados direitos, como o fato de ir para a escola suja. Em consequência disso, a aceitação de sua identidade étnico-racial

acontece depois de muitos conflitos, como também, através da obtenção de conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida escolar e fora da escola.

Ressaltamos que essa pesquisa se preocupa com a formação não só curricular, mas social das crianças no país, tendo em vista a constante afirmação identitária eurocêntrica em nossa literatura, em detrimento da carência de estudos voltados para a temática étnico-racial na área de Letras/Literatura. Afirmamos assim, a importância do trabalho com a literatura voltada para crianças no panorama contemporâneo da literatura infantil brasileira e reforçamos a importância da representatividade através da escrita, que desencadeia, na maioria das vezes, a criação de personagens com grande influência sob o olhar atento do público mirim. Destacamos ainda que a relevância da literatura está também em proporcionar a consciência do respeito à diversidade, rompendo assim, estereótipos que inferiorizam determinados segmentos.

Dessa forma, o trabalho se divide em duas partes, em princípio buscamos observar o elo entre cultura e identidade, bem como traçar dados conceituais a partir de estudiosos da área a exemplo de Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Roque de Barros Laraia, entre outros. Em seguida adentramos a obra para a análise proposta. Nesse sentido, o estudo também contribui para a reflexão crítica acerca das produções que promovem ou não representatividade racial e cultural da realidade do país.

1 NOTAS ACERCA DOS ASPECTOS SOCIAIS QUE ESTABELECEM A LIGAÇÃO ENTRE CULTURA E IDENTIDADE

Existem diferentes tipos de manifestações identitárias, cada uma delas é marcada por uma história/memória coletiva, carregada de aparatos de poder, crenças religiosas, questões territoriais, linguísticas, étnicas, de gênero, de sexualidade, de classe etc. muitas delas embasadas e estruturadas culturalmente, uma vez que, segundo Laraia (2003) o homem vê o mundo conforme a lente de sua cultura e essa, sofre modificações, alterações ao longo do tempo haja vista que o humano, como ser de pensamentos e ações, também sofre transformações, seja em coletividade, seja individualmente. Nesse sentido, as identidades também vão se modificando impulsionadas por diversos fatores externos e internos ao ser humano. Sendo assim, as culturas são diferentes e não inferiores ou superiores umas às outras e por isso precisam ser respeitadas em todos os seus direcionamentos e desdobramentos.

Numa sociedade em que a tecnologia informativa e o sistema midiático global unem e produzem culturas, algumas das manifestações identitárias se submetem às mudanças do mundo globalizado, outras se revelam em resistência à elas, afinal, para Bauman (2005, p.83): “a ‘identidade’ parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora).” Isso demonstra que “os gritos de guerra”, individuais ou coletivos, tentam, a todo custo, se sobrepor em favor de suas próprias crenças e modos de vida, a fim de induzir que ocorra a dissolução das diferenças pela imposição de uma determinada identidade, unificada através de uma identificação nacional.

Pensando nisso, é importante entender de que forma a cultura está ligada à formação de nossas identidades. Logo, destacamos que Terry Eagleton (2003) compreende o cultural como aquilo que o homem pode modificar e, conseqüentemente, construir. Em consonância com Eagleton, Laraia (2003) infere que culturas são padrões de comportamento passados socialmente com objetivo de adaptar e caracterizar comunidades humanas, ou seja, somos preparados para seguir um modelo que não respeita as diferenças em nenhuma das dimensões do convívio humano ou de suas idiossincrasias.

Dessa forma, é interessante perceber como o processo de formação de identidades ocorre na literatura, especialmente nas obras *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado e *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, e como a cultura intervém na forma como somos representados e nos identificamos com essas representações em determinados momentos de nossa existência, sobretudo porque, “para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas” (CASTELLS, 2008, p. 22). Então, procuraremos discutir a questão da identidade a partir de teorias que tentam explicar as novidades do mundo globalizado que interferem diretamente no modo como nos vemos ou somos percebidos na sociedade.

Com efeito, os impactos causados ao questionamento “quem eu sou?” relacionam-se com a centralidade da cultura na composição de nossas próprias identidades, afinal, “perguntar ‘quem você é’ só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo.” (BAUMAN, 2005, p.25). Assim, percebemos que o mercado se auto regula, bem como regula condutas sociais. Em consequência disso, as nossas ações são moldadas e influenciadas por significados culturais, por isso “seja o que for que tenha a capacidade de influenciar a configuração geral da cultura, de controlar ou determinar o modo como funcionam as instituições culturais ou de regular as práticas

sociais, isso exerce um tipo de poder explícito sobre a vida cultural.” (HALL, 1997, p. 15). Partindo dessa assertiva, notamos que a construção da identidade ou das identidades, se dá a partir dos elementos provenientes da cultura, que é reformulada de acordo com a sociedade.

Todavia, o que percebemos em *Menina Bonita do laço de fita* é uma quebra de expectativa inerente ao que se espera encontrar em um livro com a temática de negritude, visto que a leitura do conto incentiva a não-subordinação a esse mercado, fruto de convenções sociais, que abarca, hipocritamente, uma cultura denominada como nacional, mas que não atende a todos os públicos. Assim, por se tratar de uma obra voltada ao público infantil e também pelo fato de *Menina bonita*, protagonista da história, não ter como exemplos de beleza e de inclusão, padrões universalizados pelos aparelhos ideológicos, a temática fomenta uma reflexão crítica sobre o respeito às características naturais individuais, quando não compra a imagem que se quer vender no mercado contaminado por moldes europeus.

Ao passo que, na obra *A Cor da Ternura*, percebemos como a cultura é imposta pelos padrões eurocêntricos, a partir de cenas como a imposição da mãe da personagem principal em manter a filha sempre impecável para não sofrer mais do que normalmente sofre com o preconceito. Outro aspecto problemático é a relação da menina com os colegas que a xingam de “boneca de piche” e “cabelo de Bombril”. Essas ofensas são, como a protagonista coloca, “ofensas de rotina”, aprofundadas pelo mundo global, que insiste em impor determinados modelos à sociedade.

A personagem central também evidencia o fato de não se sentir bem em ir à escola, justamente porque lá é o local onde seus costumes e tradições são negados e negligenciados pela cultura branca. Esses aspectos são evidenciados detalhadamente na próxima seção, em que destacamos fragmentos das obras para exemplificar de que modo a cultura global influencia na identidade cultural e como se compõem as identidades étnico-raciais das personagens selecionadas para esta análise.

2 MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA E A COR DA TERNURA: Elementos que possibilitam a construção do “eu” nas narrativas

Nesta seção, apresentamos análises de duas obras que tratam da representação do negro na sociedade brasileira, porém são voltadas para públicos distintos. A primeira obra destina-se ao público infantil, já a segunda ao público infanto-juvenil. Apesar de não nos propormos a com-

parar as duas análises, é importante destacar a relação amorosa entre as protagonistas e suas mães, visto que a relação materna é um elemento que interliga as duas histórias, e nos ajuda a compreender como se dá o funcionamento dos textos quando voltamos os nossos olhares para os dois gêneros elencados para esta pesquisa.

Partindo do pressuposto de que “do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece” (CASTELLS, 2008, p.23). Assim, pretendemos verificar a partir de quais elementos textuais e não-textuais as protagonistas das obras selecionadas para este estudo compõem suas identidades étnico-raciais.

Sendo assim, apresentaremos as análises separadamente, a começar pela obra *Menina bonita do laço de fita*, de autoria de Ana Maria Machado, nascida em 24 de dezembro de 1941, na cidade de Santa Tereza - Rio de Janeiro. A autora é considerada pela crítica como uma das mais versáteis e completas escritoras brasileiras contemporâneas, possui mais de quarenta anos de carreira, mais de vinte milhões de exemplares vendidos, publicados em vinte idiomas, em vinte e seis países.

O enredo da obra acima trata de um episódio não tão comum ao universo literário infantil, em que uma linda menina negra de cabelos enrolados e laço de fita vermelho nos cabelos, tenta explicar o porquê da cor de sua pele a um admirado coelho branco, que sonha em ter uma filha tão linda e pretinha quanto ela. Assim, a autora escolhe como protagonista uma criança negra, fato pouco provável na literatura infantil, com essa escolha ela dá ênfase a reflexões acerca de questões relacionadas a raça, a genealogia e a diversidade. Em contrapartida, o outro personagem que possibilita o enredo é um coelho branco, que coloca em evidência o paradoxo entre branco e negro, especialmente por mostrar um branco interessado e admirando uma pessoa negra. Entretanto, a identidade racial e cultural do animal é deixada de lado para exaltar as características físicas da personagem principal do conto.

Destacamos um elemento essencial na narrativa, o fato de a protagonista da obra não possuir nome próprio e ser tratada apenas como Menina bonita. A partir disso, notamos que não há uma identidade individual, envolta em apenas denominar um modelo de comportamento e beleza que diferencia e exalta um ser humano de outro, nesse caso, a personagem central pode representar não apenas uma pessoa, mas as características físicas e culturais de um povo e de todas as meninas

negras da sociedade, formando assim, uma identidade coletiva. Do mesmo modo, ao enfatizar a beleza da menina, a narrativa desconstrói o modelo de beleza declaradamente branco.

Disto isto, Castells (2008) explica que é com base em atributos culturais inter-relacionados que acontece o processo de construção das identidades. Sendo assim, a importância da representatividade está diretamente ligada a composição de nossos “eus”, uma vez que, os recursos históricos, linguísticos e culturais utilizados para reprodução das nossas características tem a ver com quem nós somos e, possivelmente, iremos nos tornar. Nesse sentido, tomando por base o pensamento de Stuart Hall (2002), notamos que as identidades se reorganizam de acordo com a forma como somos interpelados ou representados. Portanto, o modo como ou as tentativas mal sucedidas de sermos representados, podem afetar diretamente a maneira como nós próprios nos sentimos e nos vemos, uma vez que a identificação pode ser ganhada ou perdida. Então, frequentemente, nos deparamos com o universalismo apoderando-se do que tomamos para nós como ideal predominante na busca pela formação do “eu”. Dessa maneira, para Bauman (2005):

[...] diferentes significados associados ao uso do termo ‘identidade’ contribuem para minar as bases do pensamento universalista. As batalhas de identidade não podem realizar a sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir. Suas intenções incluídas se misturam com (ou melhor, são complementadas por) suas intenções de segregar, isentar e excluir. (BAUMAN, 2005, p.85)

Assim, na obra *Menina bonita do laço de fita*, notamos a diferenciação da personagem, como um modelo de empoderamento feminino através das descrições físicas e do comportamento natural ao adquirir certa percepção sobre suas características genealógicas. Percebemos isso já no início do conto, quando observamos a escolha lexical, composta de palavras com significados referentes a exaltação e a diversificação da beleza negra de uma maneira simples e natural, o que demonstra cuidado com a representação dos traços da personagem principal:

Era uma vez uma menina *linda, linda*. Os olhos dela pareciam duas *azeitonas pretas*, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito *fiapos da noite*. A pele era escura e *lustrosa*, que nem *pelo da pantera-negra quando pula na chuva*. Ainda por cima, a mãe gostava de fazer tranças no cabelo dela e enfeitar com um laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma *princesa das Terras da África*, ou uma *fada do Reino do Luar*. (MACHADO, 2000, p. 1-2, grifo nosso)

Aqui, o padrão de beleza estereotipado, principalmente pelos aparelhos ideológicos da sociedade (escola, família, mídia, livros, brinquedos etc.), é desconstruído. Dessa forma, fugindo do

que é comum na literatura infantil, há a presença de um discurso relativo de beleza, e figuras de linguagem, como as comparações, que despertam a imaginação das crianças e que, acima de tudo, exaltam a beleza negra. Essas escolhas lexicais configuram-se como formas de resistência aos modelos preestabelecidos, visto que, “alguns traços formadores da cultura moderna (traços mais evidentes a partir da Ilustração) conferem à ciência, às artes e à filosofia um caráter de resistência, ou a possibilidade de resistência, às pressões estruturais dominantes em cada contexto.” (BOSI, 1992, p. 16).

As descrições da personagem, em consonância com as ilustrações presentes no livro, nos permitem perceber que a protagonista assume suas próprias características identitárias sem demonstrar qualquer tipo de conflito interno. Notamos isso quando a menina é comparada à princesa das Terras da África e até mesmo quando é descrito que a mãe trança e enfeita com um laço de fita colorida o seu cabelo. Além disso, Menina bonita nunca se sente diferente ou mesmo se pergunta porque é negra ou o que implica ser negro na sociedade, quando questionada pelo coelho branco a respeito do que faz para ser tão pretinha, ao contrário do que se espera, ela evidencia elementos positivos na criação das respostas, como o fato de cair na tinta preta, tomar muito café e comer muitas jabuticabas: “- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha? A menina não sabia, mas inventou: - Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.” (MACHADO, 2000, p. 09)

A respeito dessa afirmação de características que compõem a identidade, podemos observar que:

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*; pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 2002, p.39, grifo do autor)

É interessante refletir que a *falta* a que Hall (2002) se refere, é proveniente do impacto sobre os modos de se viver em sociedade. Comumente, a busca pelos mais variados tipos de procedimentos de embelezamento – em sua maioria – feminino, principalmente o capilar, demonstram camuflar conflitos étnico-raciais que se fazem presentes desde a infância e percorrem até a vida adulta. Contudo, o modo como o cabelo de menina bonita é colocado na narrativa revela uma reação ao padrão único de beleza, como também ao preconceito acerca das raízes de matrizes africanas, como é o caso do uso das tranças, o que é um passo importante não só para a

afirmação da identidade negra, mas para a manutenção de paradigmas baseados em um pluralismo de características étnico-raciais.

Na obra, percebemos que a formação do “eu” da protagonista, se dá através do olhar do coelho, que tem uma admiração enorme pela criança e por tudo que ela é, prova disso são as incansáveis tentativas de realizar os feitos que a menina cria, a fim de tornar-se negro também, como notamos no seguinte trecho: “[...] O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada preto.” (MACHADO, 2000, p.10)

A pergunta mais frequente do conto é: “ – Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?” As repetições do mesmo questionamento, feitas pelo coelho, deixam clara a intenção de Ana Maria Machado em demonstrar a inocência de ambos e ao mesmo tempo evidenciar que existe um porquê de as pessoas não serem iguais e que a diferença faz parte da vida, é, então, algo natural. O adjetivo diminutivo é posto em contexto afetivo, “pretinha” é utilizado várias vezes durante o texto, contudo, é empregado de maneira não discriminatória, mas como forma de carinho para com a protagonista.

A admiração do coelho pela menina e, sobretudo, a criatividade da protagonista em inventar as respostas para ele, evidencia, também, a curiosidade deles de conhecerem a verdade sobre a própria existência. Do mesmo modo, percebe-se que as respostas até certo ponto descabidas que a menina dá, parecem ser uma crítica às inúmeras histórias inventadas pelas pessoas para explicar a cor da pele do negro, sempre em uma perspectiva pejorativa, na tentativa de provocar comicidade.

Percebemos ainda, que essas brincadeiras feitas por Menina bonita, para explicar sua cor, não são provenientes de uma negação de identidade, são apenas tentativas de entender o porquê das diferenças de cor e de traços, até porque trata-se de uma criança que ainda não possui maturidade ou conhecimento bastante para explicações biológicas. Por isso, a mãe da menina aparece para a explicação e entendimento de tais fenômenos, assim, a criança e o coelho, finalmente, estabelecem compreensão quanto às suas características naturais, como podemos observar no trecho a seguir:

Aí o coelho – que era bobinho, mas nem tanto – viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os nossos pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar. (MACHADO, 2000, p. 12)

Por esta razão, não há, no decorrer da obra, uma “crise de identidade”¹ no desenvolvimento da construção do “eu” da protagonista, visto que Menina Bonita não faz parte de um processo de mudança amplo ou mesmo reduzido, ela simplesmente assume suas características biológicas e afirma, mesmo que inconscientemente, sua identidade étnico-racial. O entendimento sobre a genealogia também ocorre no fim da história, quando o coelho chega à conclusão de que para ter filhos negros, teria que casar com uma coelha também pretinha, e é o que acontece, esclarecendo nesse contexto, a miscigenação do povo brasileiro.

Nelly Novaes Coelho (2000) chama a atenção para o fato de que a nova literatura infantil oferece – também ao adulto – excelentes meios de leitura crítica do mundo a partir de ilustrações, desenhos e imagens que dinamizam os livros infantis. Por isso, vale ressaltar que os recursos não verbais dialogam perfeitamente com os recursos verbais presentes na obra, e ajudam a compreender como Menina Bonita é uma criança ativa, criativa e alegre. O texto e as imagens (figura 1) demonstram cuidado em proporcionar aos leitores mirins uma consciência antirracista, quando retrata animais e pessoas de cores diversas:

Figura 1. Ilustração de Claudius



Fonte: (MACHADO, Ana Maria. Menina bonita do laço de fita. 2000, p.

Desse modo, percebemos a importância dada pela autora ao respeito pela diversidade não só racial, mas das diferentes formas de beleza que podem ser vistas através do olhar do outro.

¹ “A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, apud HALL, 2002 p.9)

Portanto, Ana Maria Machado fortalece a ideia de aceitação do “eu”, independentemente das características raciais, pois, apesar da inocência em tentar tornar-se negro tomando café ou comendo jabuticaba, o sonho do coelho branco consiste em ter uma filha tão pretinha quanto a personagem por quem ele nutre um encanto.

A autora ainda sugere o hibridismo na obra quando descreve a mãe da menina como “uma mulata linda e risonha”, assim como quando ela, a personagem, explica ao coelho que o fato de menina bonita ser negra é consequência das “– Artes de uma avó preta que ela tinha...” (MACHADO, 2000, p.11), remetendo assim, aos nossos antepassados e as origens do povo brasileiro. A palavra “artes” refere-se ao envolvimento amoroso da avó negra da menina com um avô que, provavelmente, era branco ou mulato, daí a mistura de cores que gerou a cor da mãe de Menina bonita. Ressaltamos que nesse momento, Ana Maria Machado faz uma colocação que vai de encontro ao que vemos durante toda a narrativa, visto que, no sentido em que foi empregada, a palavra “artes” sugere que a avó preta cometeu um “erro” – aos olhos da sociedade – ao se envolver com um homem que provavelmente tinha a pele mais clara que a dela, ou seja, ela teria transgredido regras. Desse modo, a autora, com um tom de ironia, deixa clara a sugestão limitada da sociedade a respeito da inapropriação da relação entre pessoas de raças diferentes.

Assim, em *Menina bonita do laço de fita*, o desfecho, ao contrário da maioria das poucas histórias que envolvem protagonistas negros, é feliz, a relação inter-racial presente na obra permite o diálogo entre a plurissignificação de um povo e suas características. Além disso, podemos constatar que, em nenhum momento do conto, a protagonista ou qualquer outro personagem, deixam transparecer desconforto com as suas identidades, portanto, percebemos na obra uma literatura emancipadora, visto que a autora evidencia questões raciais com muita naturalidade. Podemos ressaltar ainda, a importância dada a figura feminina no texto, posto que Menina Bonita subverte padrões já estabelecidos e lidera mudanças dentro da sociedade, através do seu descomprometimento com o que é imposto pelo mundo moderno, ou seja, o lugar que lhe é imposto e que ela não ocupa.

Dando continuidade as análises, e tratando agora da obra *A cor da ternura*, percebemos que a narrativa “é, sem sombra de dúvida, uma obra muito rica de nossa literatura em termos temáticos, estéticos e poéticos, merecendo ser mais conhecida no mercado editorial e nos espaços escolares”. (OLIVEIRA, 2009, p.170). A obra é de autoria de Geni Mariano Guimarães², que

2 A autora além de poeta e ficcionista tornou-se professora e a temática negra, bem como a valorização da cultura afrodescendente são temas recorrentes em suas obras. Por ser de origem pobre e negra, Geni representa de forma

possui em seu conjunto de obras, poesias, contos e romances em literatura infanto-juvenil, dentre os quais destacamos seu primeiro livro de poemas intitulado *Terceiro filho* (1979), assim como suas narrativas literárias *Leite de Peito* (1988) e *A cor da Ternura* (1989).

Neste livro, a escritora sintetiza fatos e situações que expõem a essência da narrativa, exaltando os pontos de maior importância dentro do tema proposto. A obra analisada é narrada em primeira pessoa e revela uma linguagem simples e, até certo ponto, despretensiosa. Além disso, são evidenciadas cenas cotidianas do ambiente rural durante todo o enredo. Em síntese, a obra trata da trajetória de vida da protagonista, também chamada Geni. As fases narradas compreendem a infância da personagem, perpassam a adolescência e chegam a vida adulta da menina sonhadora que expõe seu universo interior aos leitores.

O livro é dividido em dez capítulos, a saber: primeiras lembranças; solidão de vozes; afinidade: olhos de dentro; viagens; tempos escolares; metamorfose; alicerce; mulher; momento cristalino e, por fim, força flutuante.

Notamos que a obra apresenta os conflitos existenciais, as discriminações, os medos e as dúvidas sofridas no dia-a-dia da personagem negra que enxerga a vida com os “olhos de dentro”. Essa análise possibilita a compreensão da busca pela afirmação identitária negra surgida a partir da superação de discriminações enfrentadas pela personagem ao longo narrativa. Sendo assim, percebemos que Geni constrói sua identidade étnico-racial após negá-la, a partir de suas experiências diárias, uma vez que, “somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha.” (HALL, 2002, p.75). No caso da protagonista, os apelos que sofre se encontram em um universo em que sua cor e seu pertencimento são postos a prova em detrimento do padrão universalizado em moldes de uma sociedade dominante, homogênea e de padrões de valores para serem seguidos.

Dito isso, o primeiro capítulo do livro descreve a infância de Geni e evidencia a relação de amor e carinho entre a menina e sua mãe. Suas primeiras lembranças revelam a admiração dela pelos gestos da mãe e ressaltam uma imagem positiva da mulher negra: “Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la” (GUIMARÃES, 1998, p.13). Embora, ao mesmo tempo em que a protagonista

mais íntima essa vivência em suas obras, demonstrando assim, melhores chances de compreensão da condição afrodescendente no país.

afirma chegar a deitar mais cedo para dormir só para reviver mil vezes o riso e pensar no doce cheiro de terra e de mãe, já nas primeiras páginas do livro ela apresenta dúvidas em relação a cor de sua própria pele, quando questiona:

- Mãe, se chover água de Deus, será que sai minha tinta?
- Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer?
- Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: - você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta... (GUIMARÃES, 1998, p. 10).

Tendo em vista as ideias de Hall (2002), de que estamos formando constantemente nossos “eus” a partir do contato com os outros, como também que a identidade só é uma questão quando estamos em crise, notamos o quão nítida é a situação de dúvida em que se encontra Geni, pois ao passo que é amada pela família e admira de todo o coração sua mãe, é, também, desprezada por outras pessoas ao longo da narrativa e já sente a segregação racial desde a primeira página do livro, visto que em seu pensamento é mais favorável para ela que sua “tinta” tenha a cor da inclusão, a cor que não surta efeitos negativos no espaço em que vive, para que assim, possa definir o seu “eu” dentro de uma sociedade discriminatória.

Percebemos que a repetição das palavras da mãe “você branca e eu preta”, de certa forma mostra a descendência da menina como se quisesse mostrar para ela que mesmo tirando a cor da própria pele não iria deixar de ser negra em virtude de suas origens.

Uma passagem importante acontece no momento em que a mãe de Geni está prestes a dar à luz o filho mais novo e geme de dor, a protagonista faz preces aos santos para que ela pare de sofrer, na condição de não mais xingar o irmão de “diabo” e “cocô”, apenas o chamaria daquele momento em diante de “Jesus” e de “doce de leite”. Somente após oito dias do nascimento do irmão Zezinho é que Geni vai ao encontro dele, ela afirma: “Não achei bonito nem feio. Apenas senti um grande alívio quando me vi descompromissada de chamá-lo de Menino Jesus. *Era negro*” (GUIMARÃES, 1998, p.22, grifo nosso).

A partir desse fragmento, notamos a ideia padronizada que se tem da imagem de Jesus, universalizada em torno do homem branco de olhos claros – associado a bondade –, em detrimento da figura negra do irmão, que, dentro desse contexto, jamais poderia ser comparada a de Jesus, dando a entender que o irmão poderia muito bem ter ligação com o diabo, uma vez que aprendeu com o meio em que vivia que o diabo é negro ou que o negro representa o que é ruim.

Assim, Geni demonstra claramente que o fato de seu irmão ser negro significa que ele não pode ser bonito, tão pouco santo, pois sua fala sugere que o negro da pele se associa a algo negativo. Compreendemos então, a fala da garota como efeito do processo de fragmentação na busca pela formação do “eu” na pós-modernidade, época resultante de modelos influenciáveis de comportamentos, gestos e atitudes.

Já o capítulo *Afinidades: olhos de dentro*, descreve o diálogo da menina com uma aranha que vive no telhado de sua casa e revela a criatividade da personagem, como também a presença da imaginação na narrativa. As conversas imaginadas por Geni demonstram a importância em reparar nas outras pessoas algo que está além de sua aparência. A partir disso, a autora reforça a ideia da valorização de nossas características naturais, e, isso faz com que a protagonista perceba em seu irmão algo antes não notado, ela passa a vê-lo não mais como um rival e até afirma que seu hálito morno é “impregnado de perfume de primeira vez” (GUIMARÃES, 1998, p.32), demonstrando assim, uma reflexão crítica acerca dos nossos pré-conceitos e preconceitos.

Pelo que entendemos dos estudos de Hall (2002), Bauman (2005) e Castells (2008), acerca de identidades sociais, percebemos que, por estar em constante formação, o “eu” oscila. Dessa forma, o eu da personagem central oscila em reconhecer características positivas sobre sua raça, quando em contato com sua família e menosprezá-las da mesma forma, quando em contato com a sociedade discriminatória na qual está inserida.

Geni aspira por ter plenitude de voz e de atitudes, isso sugere que, mesmo na condição de criança, a menina já percebe seu papel de mulher e negra silenciada e por tantas vezes oprimida pela sociedade. Para tanto, usa da imaginação para obter respostas que ainda não tem sobre o mundo e o que nele acontece. Por achar o comportamento dos animais coerente com o que acredita, Geni decide se comunicar somente através de sons próprios de animais. Para rir de algo ela imita o som de coleirinhas, para negar algo, ela late, para pedir, mia e, com isso, passa a ser vista pelos adultos de forma bastante negativa. Segundo as crenças de seu povo, o que acomete Geni é o “acompanhamento”, o espírito de Zumbi dos Palmares, líder da resistência negra contra os colonizadores portugueses, visto nesse contexto como o “coisa-ruim”, por ser negro. Assim, podemos depreender do texto que as pessoas acreditam que o espírito de Zumbi encontra-se ao lado direito da menina.

Vê-se aí que passamos a acreditar e a ser aquilo que nos levam a acreditar que somos. Como a mãe de Geni era submissa, amedrontada e talvez sem a informação adequada sobre Zumbi,

acreditava naquilo que lhe era passado e a menina, em consequência disso, também era levada a crer nesses preceitos, uma vez que lhe eram passados como a verdade absoluta.

Nessas configurações, no livro *Diabo no imaginário cristão*, Nogueira (2002) explica que o coisa-ruim é uma das denominações para o diabo, que materializou-se na crença popular, portanto, para não o invocar, não se deve nomeá-lo. Por isso, ao remeter-se ao diabo, o chamam por inúmeros apelidos, dentre eles o coisa-ruim. O autor ainda discute a evolução da denominação do diabo nas literaturas, o que nos faz perceber que esses construtos, que atrelam aos brancos papéis santos e aos negros papéis demoníacos, são vistos pela sociedade de maneira naturalizada, sendo muito comum que o negro, em especial dentro da obra, a figura de Zumbi, seja figurada como ruim, posto que esses discursos, infelizmente, estão arraigados na cultura desde muito tempo.

Em seguida, influenciada pelas histórias que ouvia de Nhá Rosária, uma velha que narra fatos sobre o tempo da escravatura, a protagonista santifica a Princesa Isabel, enquanto que, como vimos anteriormente, demoniza Zumbi dos Palmares, visto que, ao nomeá-lo como coisa-ruim, põe em evidência construtos sociais que servem de controle para os oprimidos. Sendo assim, ela conta:

Rezei três pais-nossos e três ave-marias. Ofereci a Santa Princesa Isabel, pedindo-lhe que no dia seguinte não me deixasse perder a hora de levantar, nem esquecer o nariz sujo. Agradei-lhe também por ter sido tão boa para aquela gente da escravidão. Deitei-me, formulando uns versinhos na cabeça. Quando soubesse ler e escrever – que ela ia me ajudar –, escreveria no papel e recitaria na escola. (GUIMARÃES, 1998, p. 51)

Isso evidencia a inocência, não só da personagem principal do livro, mas também dos personagens secundários e se configura como uma forte crítica ao processo de disseminação da história da cultura africana e afrodescendente no Brasil, negligenciada fortemente na sociedade, ainda hoje, depois de sancionadas leis e diretrizes que instruem a disseminação da História e Cultura Africana e afro-brasileira de forma mais científica e real, como é o caso da Lei 10.639/2003. Esse fato manifesta, além do descuido com a diversidade étnica, uma demonstração de como o global afeta diretamente quem somos, uma vez que nos constituímos também de história e de memória individual e coletiva.

No capítulo *Viagens*, Geni conta como adora realizar passeios imaginários no vai e vem do balanço localizado sobre a paineira, porém as viagens são curtas pela quantidade de crianças que também esperam para se balançar. Após negociar com as outras crianças um determinado

número de balançadas, a fim de conseguir mais tempo para realizar longas viagens à praia e a cidades imaginárias, Geni é empurrada do balanço e hostilizada porque ultrapassou o limite de balançadas estabelecido anteriormente: “- Ladrona! Você deu vinte, mais vinte e mais uma. Boneca de piche, cabelo de bom-bril!” (GUIMARÃES, 1998, p.45).

Geni chora desesperadamente e afirma que as ofensas são corriqueiras, mas apenas lamenta o fato de não ter concluído a viagem imaginária. Os conselhos da mãe são de que Geni finja não ter ouvido as ofensas, com o intuito de protegê-la de situações constrangedoras pelas quais provavelmente já havia passado/passa/passará, porém a menina expõe para os leitores que já está cansada de tal atitude. Essas ofensas influenciam e ilustram o quão difícil é para a personagem aceitar suas características biológicas num sentido afirmativo de construção da sua identidade étnico-racial dentro desse universo impregnado pelo desrespeito ao natural de cada um.

No capítulo *Tempos escolares*, é notória a inferiorização da criança negra em relação à criança branca quando Geni contesta a mãe o fato de ter que ser cuidadosa com os detalhes na hora de ir para escola, enquanto a colega de classe não precisa se preocupar com sua aparência, simplesmente por ser branca: “- Mas a Janete do seu Cardoso vai de ramela no olho e até muco no nariz e[...] - Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase” (GUIMARÃES, 1998, p.48).

Outro trecho evidencia os conselhos da mãe para que Geni não se meta em “confusão”, principalmente com o filho do patrão de seu pai (que sempre a insulta de “negrinha” em sentido pejorativo), visto que, “a corda rebenta do lado mais fraco” (GUIMARÃES, 1998, p.52). Demonstrando assim, que Geni não aceita a conformação da mãe, tampouco aceita ser maltratada ou tratada diferente apenas por ter a pele de outra cor. O fato de achar que pode fazer, por exemplo, a mesma coisa que Janete, é uma evidência de que ela se via igual, no sentido de ter os mesmos direitos, enquanto que a mãe, de uma geração anterior, tinha uma postura mais submissa.

Assim, a imposição da mãe, é acatada por Geni, que tem medo de ser maltrada e xingada pelas outras crianças, o que influencia a protagonista a ter uma certa resistência em assumir sua cor. Notamos isso, pela inocência em pensar que o sucesso na escola depende de acatar os conselhos da mãe, em tomar cuidados necessários com a roupa e com a higiene, pois é preciso estar sempre limpa, como também em camuflar a cor de sua pele negra com pó de arroz: “a minha mãe recomendava e eu ia de lá para cá. Saia azul, blusinha branca. Alpargata nova nos pés. Pó-

de-arroz por todo o corpo” (GUIMARÃES, 1998, p. 52). O fato de Geni, nesse momento da narrativa, sentir que faz parte de um mundo em que não é aceita e precisa sempre empenhar-se para se encaixar, é explicada porque:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2002, p. 13)

Notamos também, que a obra tem um tom de denúncia acerca da relação da professora com a menina negra. Além do tratamento rígido com Geni, a professora, após ser beijada pela personagem, que, finalmente resolve criar coragem para beijá-la, limpa o rosto por conta do beijo da menina. A imagem desse momento, contrasta a diferenciação racial consciente da personagem e nos faz perceber mais uma vez como Geni se sente inferiorizada ao perceber que as pessoas faziam a ligação absurda de negros com sentimentos negativos e nesse caso, associados a sujeira:

Dona Odete, com as costas da mão, limpava a *lambuzeira* que eu, inadvertidamente, havia deixado em seu rosto. Pude ver então sua mão, bem na palma. Era branca, branca. Parecia a asa da pomba que sempre pousava no telhado da casa de dona Neide do seu João Preto. Será que a asa da pomba era mão, ou será que mão de gente é que era asa? (GUIMARÃES, 1998, p. 55, grifo nosso)

Percebemos também, que a Princesa Isabel, tida como santa após assinar uma lei que libertava – e não libertava – as pessoas escravizadas, é exaltada por Geni. A personagem principal chega a fazer um poema em homenagem princesa, que após muita insistência da menina, foi concedido ser lido no dia em que se comemora a consciência negra na escola. O poema diz o seguinte: “Os homes era teimosos/ E os donos deles era bravo/ Por isso a linda Isabel/ Soltou tudo us escravo/ Foi boa que nem um doce/ E parecia um mel/ Acho que é irmã de Deus/ Viva a Princesa Isabel” (GUIMARÃES, 1998, p.64). O poema descreve a “Santa” Princesa Isabel da maneira como a menina soube das histórias através de Nhá Rosária, por isso a escolha de um léxico que pressupõe bondade, por meio das palavras “doce” e “mel”; assim como descreve seus descendentes como homens teimosos, isto é, resistentes, fortes. Contudo, antes de recitar o poema para toda a escola, a professora discursa pelo menos quinze minutos acerca da libertação dos escravos e é nesse momento que Geni percebe a visão do branco sobre a história do negro e, com mais intensidade do que em qualquer outro momento, entra em conflito com a sua identidade étnico-racial:

Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam

aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo! Quis sumir, evaporar, não pude. Apenas pude levantar a mão suada e trêmula, pedir para ir ao banheiro. Sentada no vaso estiquei o dedo indicador e no ar escrevi “Lazarento”. Era pouco. Acrescentei “morfético”. (GUIMARÃES, 1998, p. 65)

A partir disso, notamos que a percepção de Geni sobre os afrodescendentes, decaiu, por agora fazer uso das palavras “lazarento” e “morfético”, que sugerem sentidos ruins como doenças e xingamentos. Depois disso, a protagonista começa a enfrentar uma crise de identidade muito forte, duvida não só da capacidade de sua raça, mas de seus antecessores, portanto, de sua etnia:

Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães... Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dom Pedro da História. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seu país. Os idiotas dos negros, nada. Por isso que meu pai tinha medo do seu Godói, o administrador, e minha mãe nos ensinava a não brigar com o Flávio. Negro era tudo mole mesmo. Até meu pai, minha mãe... por isso é que eu tinha medo de tudo, o filho puxa ao pai, que puxa ao avô, que puxou ao pai dele, que puxou... E eu conseqüentemente ali, idiota fazendo parte da linha. (GUIMARÃES, 1998, p. 67)

Assim, a jovem menina demonstra revolta e uma crise de pertencimento, quando se nega a aceitar, conscientemente, as heranças genéticas que compõem sua identidade. Dessa forma, as ideias de camuflar a cor de sua pele, a dúvida do início do texto de que a tinta de sua pele poderia deixar de ser preta, o alívio em não sentir a obrigação de chamar o irmão de Jesus, visto que ele é negro, são seguidas de mais um ato de negação racial, quando após toda a frustração na escola, a garota esfrega com o pó restante de tijolos triturados, utilizados pela mãe para limpar as panelas, a barriga de sua perna:

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente e com ele comecei a escrever pornografias no muro do tanque d'água. (GUIMARÃES, 1998, p. 69)

Aqui, Geni demonstra um ato concreto contra sua identidade racial, considerado por nós, o mais forte dentro de todo o contexto. As proporções que esse ato toma se estendem o suficiente para tocar a alma da protagonista e ampliar uma visão de mundo mais diversificada e que inclui o seu próprio eu, desde então estigmatizado pelas feridas provenientes de forças da classe dominante que visam e versam sobre um mercado global que interfere diretamente no modo como nos vemos e sentimos.

Esse fato somado ao descontentamento com um comentário equivocado feito pelo administrador da fazenda em que trabalha seu pai, em relação aos seus estudos e ocupação em cargos públicos, faz com que Geni desenvolva um novo olhar para sua raça. Além de expor o desejo de ser professora no futuro, por ser também o desejo de seu pai, a jovem revela a atitude de não mais negar as qualidades de sua raça.

Mulher, título do oitavo capítulo da obra, descreve de forma breve a evolução física e psicológica da personagem. A mulher que se tornara a partir desse instante, deixa para trás a visão diferenciada e limitada que percebia através do olhar dos outros e passa a desconstruir a visão dos outros sobre ela, como notamos nos últimos capítulos da narrativa.

Nos últimos capítulos da obra, Geni e sua família se preparam para o grande dia em que a, agora, mulher, recebe o diploma de professora e discursa como oradora da turma com grande orgulho. Geni, em seu *Momento cristalino*, não manifesta mais nenhum incômodo com quem ela é. A partir disso, a mulher, ganha uma voz afirmativa e resistente, mas embora as questões dela para com ela mesma estivessem resolvidas, ainda recebe os olhares torcidos da sociedade. Porém, agora, lida com isso de forma mais madura e com a intenção de mudança de tais comportamentos. A personagem se mostra transgressora, enfrenta o preconceito, nesse momento, por parte de seus próprios alunos, embora consiga reverter a discriminação pela autoconfiança, o que está expresso nas últimas páginas do livro, evidenciando assim, o fato de que é humanamente igual a todos:

E sentimentos placentários escaparam do útero, meu útero das minhas raízes, grafaram as leis regentes de todos os meus dias. Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando feridas no arquitetar conteúdo para o cofre dos redutos. Messias dos meus jeitos, sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonias. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras. (GUIMARÃES, 1998, p.93)

Percebemos assim, que perpassando as fases de sua vida, Geni acaba por afirmar sua identidade étnico-racial depois de negá-la, após ser confrontada com os mais diversos tipos de discriminações vindas da sociedade. Por fim, constatamos que, como afirma Bauman (2005), assumimos identidades ao longo da vida, identidades essas que não podemos prever até quando durarão, uma vez que os caminhos e descaminhos que percorremos nos permitem vários tipos de identificações ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou verificar a partir de quais elementos (textuais e/ou não-textuais) as protagonistas das obras *Menina bonita do laço de fita* e *A cor da Ternura* constroem suas identidades étnico-raciais, destacando os conflitos e as vivências das personagens durante as narrativas. Constatamos assim, que na primeira obra, foi de suma importância o conhecimento da genealogia para a afirmação do “eu” da protagonista. Destacamos também, a escolha de um léxico e de elementos linguísticos, como as comparações, utilizados para exaltar as características naturais da personagem, juntamente com os recursos não-verbais presentes no conto, que contribuíram com a manutenção da afirmação dessas características.

Já na segunda obra, notamos a escolha de um léxico e ideais arraigados a cultura homogênea passada pela parte dominante da sociedade em que a personagem está inserida, no intuito de mostrar, a princípio, o porquê da não aceitação da identidade étnico-racial da protagonista. Esses aspectos somam-se às dúvidas e inseguranças provenientes do tratamento que ela recebia da sociedade. Contudo, notamos que ao passar do tempo, pelas discriminações sofridas e pelo conhecimento que adquiriu de mundo, a personagem demonstra uma reviravolta no modo como se vê e é percebida pelos outros, passando a aceitar e afirmar com grande orgulho quem, de fato, é.

Concluimos também que as obras analisadas, demonstraram ser emancipatórias, uma vez que deram vozes às protagonistas silenciadas pela sociedade, mostrando como as características individuais não se inferiorizam ou se sobrepõe a nenhuma outra, apenas constituem os “eus” marcados pelo passado e pelo presente que entrelaçam as histórias de nossas vidas. Dessa forma, as duas crianças das obras evidenciaram a constituição de suas identidades como forma de empoderamento e resistência ao padrão imposto pela cultura.

Nessa perspectiva, foi possível compreender como a cultura aprofunda-se na configuração da composição de identidades e o modo como o impacto do que é disseminado por ela relaciona-se com a constituição de nossas subjetividades, definindo assim, quem somos, no momento em que somos representados e nos identificamos com o que é ofertado pelo mercado global. Tendo em vista que esse processo é moldado, constituído e reconstituído de acordo com o nosso interesse na cultura, compreendemos então que nossas identidades são, em síntese, formadas culturalmente e produzidas, portanto, pelos diferentes discursos que compõem a percepção que temos de nós mesmos em diferentes momentos de nossas vidas.

Posto isso, é importante reforçar que a escola, assim como outras instituições formadoras da inserção social, têm sido palco em que as diferenças entre brancos e negros são vistas, acentuadas e reforçadas, e, por essa razão, o papel da literatura torna-se ainda mais importante quando, através de obras como as que foram analisadas nesse trabalho, podemos refletir sobre a consciência e o respeito a diversidade.

Portanto, o mais importante e bonito nesse percurso da literatura infantil foi poder constatar a sua evolução e perceber que hoje, a partir de escolhas literárias, as crianças com acesso às obras infantis, estarão asseguradas em conhecer suas heranças culturais por meio de uma relação de harmonia entre fantasia e realidade. Assim como, entendemos que fazer parte desse universo multifacetado e sem pretensão de dominação é um dos melhores meios de (trans)formação do público infantil.

Sendo assim, o estudo contribui para a reflexão crítica acerca das produções que promovem ou não representatividade racial e cultural da realidade no país. Além disso, esperamos com essa pesquisa, colaborar com a reflexão sobre a literatura infantil e a utilização dessas obras no ensino, defasado e ainda antidemocrático quando se trata de abordar questões que merecem respeito e um maior cuidado, como é o caso da história da cultura de África e dos afro-brasileiros.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3ª Edição, São Paulo: Companhia das letras, 1992.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Volume II. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. PAZ E TERRA, 2008

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Tradução de Sofia Rodrigues. 1.ed. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais, L., 2003.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. São Paulo, FTD, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **The centrality of culture**: notes on the cultural revolutions of our time. In.: THOMPSON, Kenneth (ed.). *Media and cultural re-gulation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Cap. 5)

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico** 16^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. 2 ed. São Paulo: EDUSC, 2002.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. **Personagens negros na Literatura Infanto-Juvenil**: há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação. In.: SILVIA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etiene Mendes. (Orgs). **Caminhos da Leitura Literária: Propostas e Perspectivas de um Encontro**. Campina Grande: Bagagem, 2009. P. 156-176